[Recensão a] José Beleza MOREIRA, Cidade Romana de Eburobrittium

Autor(es): Mantas, Vasco Gil

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37696>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_42_14

Accessed : 26-Apr-2023 13:36:33

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CONIMBRIGA

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

VOLUME XLII - 2003

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

mais algumas referências, citadas na obra (vide p. 85, nota 87; p. 139: Bobadela e *Ossonoba*; p. 163: *Aeminium* e *Ciuitas Arauorum*; p. 164: *Lama*, *Lancia Oppidana* e *Lancia Transcudana*, por exemplo).

Após este percurso pelas páginas da obra em apreço, recordemos as palavras do seu autor na introdução, após exarar os seus principais objectivos: «Se trata, pues, de avanzar en el conocimiento de la Historia Antigua de la colonia de *Augusta Emerita* y de *Hispania* en general.» (p. 15). Cremos que Saquete Chamizo cumpriu plenamente o seu intento. Vários factores contribuíram para essa concretização: a sua perspicácia na análise das diversas fontes disponíveis, particularmente as literárias e epigráficas; o seu domínio da realidade emeritense e da bibliografia correspondente; o conhecimento profundo dos paralelos peninsulares e extra-peninsulares que permitem contextualizar melhor os dados emeritenses; a exposição sistemática e clara do manancial de informações disponíveis e dos problemas subjacentes; a capacidade de colocar questões, catalisadoras de novas perspectivas de abordagem.

Os primeiros anos desta colónia que viria a ser capital provincial e as suas elites surgem-nos agora a uma nova luz, propiciando novos caminhos na análise do percurso da sociedade emeritense. Esta é, pois, uma síntese bem conseguida que constitui um marco fundamental para futuros estudos dedicados a *Augusta Emerita* e à *prouincia Lusitania*.

LUÍS DA SILVA FERNANDES

José Beleza MOREIRA, *Cidade Romana de Eburobrittium*. Óbidos, Mimesis, Porto, 2002, 175 pág., ilustr. ISBN: 972-8744-39-0.

A identificação de uma cidade antiga, quer se lhe aponte como sucessora directa uma povoação nossa contemporânea, quer se lhe procure apenas uma localização geográfica aproximada, reveste-se com frequência de especiais dificuldades. Com efeito, basta recordar que, das nove *mansiones* indicadas pelo *Itinerário de Antonino* para a estrada *Olisipo-Bracara* (*It. Ant.*, 420,8 – 422,1), só as que marcavam pontos extremos do referido itinerário conservaram permanentemente a memória da sua identidade romana.

A identificação das *civitates* entre as quais se dividiu a maior parte do território lusitano a partir de finais do século I a. C. conheceu, felizmente, progressos significativos no terço final do século XX, ainda que subsistam numerosos problemas pendentes. A obra que analisamos vem resolver definitivamente uma dessas questões, discutidas desde o século XVI com maior ou menor imaginação a partir de parcos testemunhos literários e de vagos vestígios arqueológicos. A descoberta fortuita das ruínas de *Eburobrittium* mostra como deve ser considerada cautelosamente qualquer hipótese baseada na ausência de testemunhos. No caso presente,

vimos confirmada a nossa sugestão de situar *Eburobrittium* em Óbidos, o que particularmente nos satisfaz pois resultava quase exclusivamente da análise do traçado da rede viária regional e de aspectos geomorfológicos que não deixavam ignorar a importância da colina de Óbidos.

A obra de Beleza Moreira é o resultado das escavações que conduziu na Quinta das Flores entre 1994 e 1999, tema da dissertação de Mestrado que apresentou, em 2001, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, reformulada para publicação. Não podemos deixar de aplaudir a rapidez com que a informação resultante das escavações foi disponibilizada aos investigadores e ao público interessado na história anterior à Nacionalidade, que o há, num volume muito agradável de aspecto e de excelente qualidade gráfica, tornado possível graças ao apoio da Câmara Municipal de Óbidos e ao mecenato da Associação Nacional das Farmácias.

Apresentado por Jorge de Alarcão (p. 7), o trabalho de Beleza Moreira divide-se em cinco capítulos: Introdução (p. 9-14); *Eburobrittium* (p.15-31); *Civitas* (p. 32-56); A cidade (p. 57-164); Bibliografia (p. 165-175). Lamentamos a falta de um índice analítico, que muito a teria valorizado como instrumento de trabalho. Também a grafia de nomes próprios com minúsculas nos títulos, embora aceitável noutras circunstâncias, não nos parece aconselhável em obras deste tipo. A introdução poderia ter sido substituída, com vantagem, por um prefácio de tipo convencional, uma vez que muitos dados aí indicados voltam a surgir ao longo da obra. Ainda que o texto se relacione maioritariamente com os resultados das escavações, pressupondo a continuidade das mesmas, teria sido conveniente a inclusão de um capítulo de conclusões, sintetizando a informação obtida e o seu contributo para a problemática de *Eburobrittium*.

A leitura desta obra suscitou-nos os comentários que apresentamos de seguida, respeitando a ordem dos capítulos. Assim, a planta geral das escavações (p.13) teria ganho clareza com a inclusão de uma legenda que permitisse identificar as estruturas e a sua cronologia, neste caso através do recurso a diferente coloração. Os capítulos II e III são particularmente interessantes, uma vez que reúnem importante informação sobre o topónimo *Eburobrittium* e sobre o território da *civitas*. Em relação à origem do topónimo, Beleza Moreira opta, depois de citar diversas opiniões sobre o assunto, por considerar *Eburobrittium* como um nome de origem céltica, latinizado (p. 18), com o que concordamos. Todavia, gostaríamos de ver discutido o problema da relação do topónimo com a população indígena da área, em plena zona dos *Turdulorum oppida*. Cremos que o celtismo do topónimo é seguro, tal como o de *Londobris*, normalmente identificado com a Berlenga, topónimo cujo radical *Lond* – apenas se volta a encontrar como parte do nome de uma prestigiada cidade britânica, *Londinium* (A. L. F. Rivet/C. Smith, *The Place-Names of Roman Britain*, Londres, 1979, p. 396-398). Como escreve Amílcar Guerra, é o elemento – *brittium* que levanta dificuldades (Amílcar GUERRA, *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*, dissertação de doutoramento policopiada, Lisboa, 1998, p. 433-434), tanto mais que é possível relacioná-lo com o sufixo *-bris* e com o radical do etnónimo *Britanni*. Não se arriscou Be-

leza Moreira numa discussão difícil e dependente de conhecimentos linguísticos que a maioria dos arqueólogos não domina, demonstrando bom senso, invulgar em muita da investigação contemporânea.

O mapa das civitates (p. 19), extraído de uma obra de Jorge de Alarcão publicada em 1990 (Nova História de Portugal, I, Lisboa, 1990, p. 367), merecia revisão, tanto mais que situa ainda Eburobrittium em Amoreira de Óbidos. Nas páginas seguintes, encontra o leitor uma lista das várias propostas de localização de Eburobrittium, organizada alfabeticamente; uma ordenação cronológica teria permitido uma análise directa da evolução deste problema a partir do século XVI, a qual é preciso reconstituir recorrendo aos dados facultados pela sequência geográfica preferida pelo autor. Recordamos, a propósito, as dificuldades que a enumeração pliniana, alfabética, dos oppida estipiendários da Lusitânia tem provocado quanto à localização de alguns! Como é natural, certas propostas de localização tiveram mais aceitação que outras, por contarem com maior apoio arqueológico ou por emanarem de investigadores prestigiados.

Das localizações propostas a que mais defensores teve foi Alfeizerão, como Beleza Moreira sublinha. A autoridade de Frei Bernardo de Brito e a existência de vestígios romanos na zona apoiaram esta identificação durante séculos, vestígios que contam com inscrições que merecem ser retiradas do grupo de falsificações onde Hübner as colocou. No final do século XIX, a publicação por Leite de Vasconcelos da epígrafe do duúnviro Tólio Maximino, achada em Amoreira de Óbidos, favoreceu esta localização, reforçada pelo artigo de Eduíno Borges Garcia, publicado em 1971 («Em busca de Eburobrittium, cidade pré-romana da Lusitânia», *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1971, p. 457-462), e pela opinião de Jorge de Alarcão. A este propósito, a referência à obra *O Domínio Romano em Portugal* (p. 23) leva a data de 1995, correspondente a uma reedição, o que pode causar perplexidade aos leitores menos familiarizados com a bibliografia. Nós próprios seguimos a hipótese de Amoreira de Óbidos, até finais dos anos 80, quando terminámos o estudo do traçado da estrada entre *Olisipo* e *Conimbriga*, por Collipo.

A localização de Eburobrittium nas Caldas da Rainha não nos parece possível a partir das *Memórias Paroquiais*, pois a passagem em questão refere nitidamente Alfeizerão como local da cidade, o que não mereceu comentários por parte de Beleza Moreira (p. 24). Refere o autor outras propostas de localização da *civitas*, terminando por aludir pormenorizadamente à identificação de Eburobrittium com Óbidos (p. 25), vagamente referida por Bosch-Gimpera («Infiltrações germânicas entre os Celtas peninsulares», *Revista de Guimarães*, LX, 3-4, 1950, p. 339-349), e em trabalhos da nossa autoria de forma mais desenvolvida. Convém notar que o volume da dissertação de doutoramento em que apresentámos, pela primeira vez, a proposta de localização da cidade em Óbidos ou muito perto, ficou terminado em 1993, pelo que a descoberta das ruínas em 1994 não influiu, como é evidente, em nada do que escrevemos (Vasco MANTAS, *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, dissertação de doutoramento policopiada, I-II, Coimbra, 1993-1996). Notámos ainda um pequeno lapso quando Beleza Moreira, a propósito de *Trutobriga* e ao transcrever uma opinião de Jorge de Alarcão acerca

da inscrição de S. Tomás de Lamas (EE VIII 301), indica o topónimo como S. Tomás de Lampas, talvez por influência de S. João das Lampas, perto de Sintra (p. 28).

Beleza Moreira descreve, em seguida, as circunstâncias em que teve conhecimento da descoberta das ruínas e a forma como foi convidado a dirigir os trabalhos, que tiveram início em 1995 (p. 29-30). Uma vez que o achado se relacionava directamente com o tema da dissertação de doutoramento que então terminávamos, particularmente no tocante ao traçado da estrada ocidental entre *Olisipo* e *Conimbriga* e suas *mansiones*, gostaríamos de ter colaborado no projecto de investigação então delineado para as ruínas, desde logo identificadas como *Eburobrittium*. Com esta referência não pretendemos mais que evocar uma situação que, cremos, deve ser ponderada em casos semelhantes.

O capítulo III desenvolve, como dissemos, a análise do território da *civitas* e dos problemas históricos com ela relacionados. Começa por definir os limites do *ager*, apoiando-se nas opiniões de vários autores. Recordamos que a obra de Beleza Moreira não se ocupa especialmente de questões territoriais ou de arqueologia da paisagem, pelo que não é de estranhar o tratamento relativamente sintético destas questões, valorizado pelo mapa com os limites prováveis da *civitas* (p. 37). Em relação ao limite setentrional do território, o mais difícil de definir mesmo admitindo a contiguidade com *Collipo*, circunstância que nem sempre se verifica noutras situações, Beleza Moreira segue a opinião de Pedro Bernardes expressa num trabalho académico e que poderia ter sido actualizado com uma publicação posterior (João Pedro BERNARDES, *A civitas de Collipo* (policopiado), Ponta Delgada, 1996, p.16; «Romanização e sociedade rural na civitas de Collipo», *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida, 2000, p. 421-438).

Elabora o autor nas páginas seguintes uma autêntica carta arqueológica da região, com trinta e sete referências convenientemente cartografadas (p. 50). Algumas pequenas observações sobre este importante contributo. Cremos, com efeito, que as inscrições *CIL* II 38* e *CIL* II 39*, dadas a conhecer por Frei Bernardo de Brito, são autênticas, opinião que Beleza Moreira aceita (p. 38-39); o pequeno busto de Mercúrio, de bronze, atribuído à Cerca e à Columbeira, é, como o autor sugere, um achado pertencente à primeira destas estações (p. 41). As inscrições referidas na obra de João Trindade sobre Óbidos (*Memórias históricas e diferentes apontamentos acerca das antiguidades de Óbidos*, Lisboa, 1985) são, na maioria, monumentos de outros locais, atribuídos à vila do Oeste, como Beleza Moreira reconhece (p. 42). Todavia, deve merecer alguma atenção a notícia de Trindade acerca do aparecimento, em pontes sobre os rios do Meio e Real, de pedras com o nome de *Júlio César* (Trindade, p. 52-53), embora continuemos a considerar a leitura alheia ao conquistador das Gálias, pelo que Beleza Moreira poderia ter pesquisado esta pista, tanto mais que se trata de sítios próximos da Quinta das Flores. Estamos convictos de que a continuação dos trabalhos arqueológicos em Óbidos não deixará de facultar elementos seguros da presença romana no interior da muralha.

O sítio n.º 22, Pirreitas, Parreitas, Bárrio, corresponde, na verdade, a dois locais diferentes, o primeiro dos quais, a *villa* de Parreitas, escavada por Pedro Barbosa, não é referido por Beleza Moreira, não obstante a sua importância (p. 43).

Quanto ao sítio n.º 23, Peniche, o autor indica a inscrição de Pompeia Epagata e o forno de ânforas recentemente descoberto (p. 42-44), mas nada diz do possível achado de cetárias, décadas atrás (H. Barros BERNARDO, «Marinhas ignoradas da Extremadura. As salinas de Peniche», *Ethnos*, 5, 1966, p. 127-128). Em relação às inscrições de S. Lourenço de Francos (p. 45-46), a transcrição da nossa análise da *gens Iulia* perde algum sentido pelo facto de o autor não incluir a referência a uma epígrafe de Amoreira de Óbidos onde encontramos a mesma *Iulia Maxima*, que aliás indica quando enumera os vestígios da citada povoação (p. 39, 45-46).

Beleza Moreira dedica especial atenção à rede viária, enumerando as principais propostas de reconstituição do traçado das estradas romanas da região (p. 51-54). Reconhece as dificuldades que o assunto comporta, particularmente numa área de estradas de construção ligeira, como esta. Mantemos, sem alterações significativas, o esquema viário que apresentámos na dissertação de doutoramento, reproduzido por Beleza Moreira, com excepção de uma correcção suficientemente importante para aqui referirmos, ainda que pontual. Trata-se da localização exacta do miliário de Adriano encontrado perto de Alfeizerão, nas Ramalheiras, ligeiramente a nordeste da povoação, segundo amável informação do Sr. Carlos Almeida, neto do achador. Esta circunstância permite compreender melhor a indicação *fecit* contida no miliário, sugerindo uma rectificação do traçado da estrada no século II.

O autor alude rapidamente ao problema de Londobris e de Peniche. Se a condição insular já não se discute quanto a esta (Mariano CALADO, *Da Ilha de Peniche*, Peniche, 1994, p. 15-40), a identificação de *Londobris* com a Berlenga permanece uma hipótese, difícil de conciliar, por exemplo, com as coordenadas ptolomaicas. Qual terá sido o ponto de partida para o cálculo da distância? Ou terá a ilha tomado o nome de uma povoação a procurar na costa?

Vamos agora analisar a parte da obra que representa o contributo mais pessoal e inédito de Beleza Moreira, a descrição da escavação das ruínas de *Eburobrittium* e dos resultados obtidos até 1999. A maior parte das estruturas escavadas encontra-se em muito mau estado, dificultando a sua interpretação. O conjunto publicado pertence em grande parte a um núcleo monumental, de que o fórum e as termas, não muito distantes, representam os elementos principais. A disposição destes edifícios sugere um plano ortogonal para o aglomerado urbano, pelo que teria sido interessante uma tentativa para definir o traçado do *kardo* e do *decumanus* e as dimensões das *insulae*. Uma questão que também gostaríamos de ver desenvolvida é a da relação entre o local onde foram estabelecidas as estruturas escavadas e a Lagoa de Óbidos, pois o acesso ao mar parece um factor primordial para esta *refundação de Eburobrittium*. Beleza Moreira aflora a questão, mas sem aprofundar este aspecto fundamental (p. 59-61). Recordamos que não só o mar chegava à colina de Óbidos na Idade Média como, nos finais do século XVIII, os campos do Sobral ainda se encontravam inundados.

Outro aspecto que neste local consideramos de maior importância é o do estabelecimento da cronologia inicial do sítio, duplicação funcional ou transferência de uma povoação da Idade do Ferro, com toda a probabilidade situada em Óbidos, como o próprio topónimo parece sugerir, admitindo um fenómeno de sonorização

(J. Nunes de FIGUEIREDO/Gomes FERREIRA, *Do Latim ao Português e a língua como expressão literária*, Porto, s/d, p. 21-22). Até ao presente, não se conhecem vestígios da Idade do Ferro na Quinta das Flores, o que apoia a hipótese, quanto a nós segura, de uma construção *ab initio*. Estes problemas mereciam análise por parte do autor, talvez reservada para oportunidade posterior.

O edifício n.º 1 (p. 63-74), datado como do século I, com reforma no século IV, parece-nos uma habitação, como a planta da construção e os materiais exumados permitem deduzir. A estrutura de tijolo, rodeada por um banco adossado à parede, no que o autor denomina de “pátio”, pode ser uma lareira, ainda que a possibilidade de se tratar de vestígios de uma sauna não deva ser eliminada, considerando os revestimentos e o pavimento em *opus signinum*.

O edifício n.º 3 (p. 74-81) corresponderá também a uma habitação, relativamente modesta, cuja construção, de acordo com a *sigillata*, remontará ao século I. Entre o fórum e as termas sobrevivem restos de uma cloaca (p. 81-84), cuja directriz poderia contribuir para esboçar a quadrícula urbana. Uma anomalia que se detecta na planta consiste na existência de um grande espaço não construído entre o fórum e as termas e entre aquele monumento e o edifício n.º 3. Que razão levou a deixar cerca de 25 metros de intervalo à esquerda e à direita do fórum? Estaremos perante um modelo que se conhece em pequenas cidades da Britânia, nas quais os monumentos públicos avultam em áreas pouco construídas? Beleza Moreira não se debruça, como desejaríamos, sobre este aspecto peculiar das ruínas da Quinta das Flores.

O edifício n.º 18, classificado como medieval, comprova documentação existente sobre um paço real na referida quinta, a postular doravante cuidadosa busca documental. É interessante notar que o edifício n.º 16, considerado romano, sobre o qual se levantou a estrutura n.º 18, mostra uma orientação diferente dos restantes edifícios da mesma época, o que poderá reflectir uma organização ortogonal limitada. Uma vez que Beleza Moreira esclarece tratar-se de uma área ainda em escavação aguardamos, com expectativa, a publicação dos resultados finais e mais amplas explicações.

Algumas palavras sobre as duas estruturas mais importantes, as termas (n.º 8) e o fórum (n.º 2). As termas (p. 88-131) situam-se a norte do fórum e apenas foi escavada uma parte do edifício, correspondente à zona aquecida, aparentemente situada nas traseiras do monumento. Como Beleza Moreira sublinha, só a escavação completa permitirá conhecer a planta, a que o autor atribui uma forma rectangular, praticamente com extensão idêntica à do fórum. Problema também por resolver é o da origem das águas para abastecimento do complexo termal, que Beleza Moreira pensa situar-se na zona de Gaeiras. O estudo das ruínas mostra claramente que a fase final corresponde a uma reforma tardia, com reutilização de materiais, como o bloco almofadado referido pelo arqueólogo (p. 95-96). Todavia, preferimos situá-la não nos finais do século III mas já no início do século IV, como parece comprovar a epígrafe honorífica truncada achada nas termas (p. 96-98).

O estado de destruição e o traçado da estrada, que oculta parte do conjunto, levanta problemas de interpretação do fórum (p. 131-163), que Beleza Moreira não oculta. Estas dificuldades não justificam a opinião que o Eng.º Adriano Monteiro exprimiou numa conferência a que assistimos em Agosto de 2002, em S. Martinho

do Porto, pretendendo que as ruínas não passam de restos de um complexo de produção de preparados piscícolas. É um monumento relativamente pequeno, menor que o fórum augustano de *Conimbriga* e inferior a metade do fórum de *Ammaia*.

A zona escavada mostra uma série de *tabernae* e o que parece corresponder aos restos da basílica. Mais difícil se torna reconstituir o templo, logicamente situado a nascente e numa cota mais elevada, como em Évora. Parece-nos correcta a dedução de que a basílica era um edifício vitruviano, aberto, de duas naves. Esta tipologia aponta para uma cronologia júlio-cláudia, como será o caso de *Seilium* (Tomar) e da 2ª fase do fórum de *Conimbriga*.

Problema que nos causa perplexidade é o da entrada do fórum, uma vez que na reconstituição ela se encontra axializada, entre as *tabernae* da face poente (p. 163). Não pode, portanto, existir a *taberna* P6, a menos que o monumento tenha sofrido alterações na planta. A conduta existente em P6 sugere a presença de um eixo de circulação, como a reconstituição contempla, o que representa uma contradição não explicada. Beleza Moreira, a partir da distribuição dos materiais, propõe que a área norte do fórum remonte à época de Augusto, admitindo uma modificação posterior. Teria sido útil uma reconstituição sumária desse primeiro fórum, no qual a basílica, cremos, seria o elemento fundamental.

Aceitando que a cidade incluiu na sua denominação o gentílico *Flavia*, tal como aconteceu em *Conimbriga*, podemos considerar que o fórum foi transformado nos finais do século I, como o autor propõe. Esta circunstância não permite, contrariamente ao que se pretende com frequência, atribuir a categoria municipal a *Eburobrittium*, que terá sido apenas um ópido latino.

Um facto que merecia reflexão é o da antiguidade da maioria dos materiais do fórum e a extrema raridade de materiais tardios, quase todos provenientes de quadrados correspondentes a espaços abertos do monumento. Sobre o processo de degradação e abandono do fórum o autor nada avança, condicionado pelos limites impostos à investigação.

Esta obra de Beleza Moreira é um trabalho de arqueologia, e dizemo-lo como um elogio, assim devendo ser apreciada. Não se limita a uma boa qualidade formal, oferecendo o exemplo de uma metodologia segura e de como esta faculta informação. É também, e isso não é de menor importância, uma obra acessível ao público, quer do ponto de vista do discurso, quer no que se refere ao custo. Também prova que, sem escavação, a Arqueologia é uma ciência incompleta, dificilmente permitindo avanços em campos como o da geografia histórica da Lusitânia. Mas a escavação não pode limitar-se a seguir o rasto das obras, sobretudo quando públicas, como aqui sucedeu mais uma vez, demonstrando que a prospecção deve realmente actuar em tempo útil. Um país que perde o seu património, qualquer que ele seja, é um país que se perde; a memória da romanidade tem sido particularmente violentada por responsáveis e por irresponsáveis. Resta-nos felicitar o autor pelo trabalho executado e desejar que, em tempo de dificuldades acrescidas, possa encontrar os meios para continuar a desenvolver a importante investigação de que ora nos oferece os primeiros resultados.

VASCO GIL MANTAS